

A Introdução e Recepção da “A Escrava Isaura” na China

Zihua Hu¹
Maria Teresa Roberto²

Resumo: A introdução e recepção da obra brasileira *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, na China, remonta ao ano 1984 com a tradução de Wang & Li. No mesmo ano, a telenovela brasileira adaptada desta obra também foi introduzida ao público chinês, e conseguiu, rapidamente, um êxito tão grande que a protagonista Lucélia Santos até ganhou, em 1985, o galardão de Melhor Atriz do Prémio de Águia de Ouro da Televisão da China. Pelo grande sucesso desta telenovela, em 1985, várias editoras chinesas optaram por publicar séries de bandas desenhadas com base nesta telenovela. Neste trabalho, iremos abordar a introdução e recepção tanto da obra *A Escrava Isaura* como da telenovela do mesmo título; concretamente, iremos analisar a capa e o prefácio das duas traduções da dita obra (elementos paratextuais), os artigos publicados em chinês sob a influência da telenovela brasileira, e as bandas desenhadas baseadas na mesma telenovela.

Palavras-chave: A Escrava Isaura; Tradução; Adaptação; Literatura Brasileira; China

¹ Zhejiang International Studies University, Universidade de Aveiro. Zihua Hu é doutor em Tradução e Terminologia pela Universidade de Aveiro e a Universidade Nova de Lisboa; investigador do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro; docente na Faculdade de Línguas e Culturas Ocidentais da Zhejiang International Studies University (China). Email: zihua.hu@ua.pt; ramonhu@outlook.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2235-8877>.

² Universidade de Aveiro. Maria Teresa Roberto é docente no Departamento de Línguas e Culturas, da Universidade de Aveiro. Dirige o Programa Doutoral de Tradução e Terminologia; uma parceria da Universidade de Aveiro com a Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, é coordenadora da Linha de Investigação em Tradução e Terminologia, do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas. Email: mariateresaroberto@ua.pt, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8973-7129>.

Introdução

Antes da tradução e introdução da obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, por Weng Yilan e Li Shulian (1984) e Fan Weixin (1985) para o público chinês; com a popularidade gozada pela telenovela brasileira baseada na dita obra, muitos espetadores chineses já estavam informados da linda escrava Isaura e do seu sofrimento³, visto que, em 1984, esta telenovela já tinha sido dobrada e introduzida pela Televisão de Pequim para o público chinês. De acordo com Weng & Li (1984, p. 1), a telenovela original possui 170 episódios, sendo, depois, encurtada para duas versões: uma de 100 episódios e outra de 30 episódios; e a versão (15 episódios) transmitida no continente chinês consiste numa parte destes 30 episódios.

Por falta de fontes bibliográficas seguras, não sabemos, ao certo, qual foi o motivo principal deste encurtamento de 30 episódios para 15. As fontes que tivemos acesso até o momento relatam esse fato sem maiores detalhes quanto às considerações ou justificações oferecidas pela Televisão. Isto, a nosso ver, tem relação com a prudência que a Televisão tinha naquela altura, já que foi uma das primeiras telenovelas brasileiras introduzidas na China e nela existem, provavelmente, ideias que não seriam apropriadas no momento (a transmissão foi em 1984, 8 anos após o fim da Revolução Cultural).

Apesar do encurtamento, esta telenovela, ao figurar no écran chinês, começou a gozar de popularidade tanta que houve outras televisões chinesas a retransmiti-la (WANG; ZHANG, 1984, p. 35). Com tal popularidade, a protagonista, Lucélia Santos, pelo desempenho impecável, foi nomeada, em 1985, a Melhor Atriz do Prémio de Águia de Ouro da Televisão da China (tradução literal de *China TV Golden Eagle Award*)⁴. Na realidade, ela foi a primeira

³ No prefácio da tradução de Weng & Li (1984), está indicado que quando da escrita do prefácio desta tradução, algumas televisões chinesas já tinham começado a transmissão da telenovela “*A Escrava Isaura*”.

⁴ <<http://yule.sohu.com/20090928/n267055278.shtml>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

e a única atriz estrangeira, até agora, a ganhar este prémio, o que é uma prova da sensação causada por esta telenovela. Vinte e quatro anos depois (em 2009), numa entrevista do Jornal *The Bund* de Xangai⁵, Lucélia, ao ser questionada sobre se sabia qual tinha sido a reação desencadeada pela telenovela no público chinês, afirmou que ganhou trezentos milhões de votos para ser eleita como a melhor atriz para o prémio da televisão chinesa, o que, para ela, constitui uma prova patente do gosto do público chinês em relação à dita telenovela.

Além da introdução da telenovela ao público chinês, no mesmo ano, a primeira versão chinesa da obra *A Escrava Isaura* também foi lançada no mercado chinês. As duas tradutoras, Weng Yilan e Li Shulian (1984), no prefácio, abordaram também a transmissão da telenovela pelas televisões chinesas, tentando relacionar a tradução com a telenovela, chamando a atenção dos seus seguidores também para esta versão chinesa. A outra tradução, por Fan Weixin, saiu em 1985, quando a telenovela brasileira estava no seu auge e a protagonista ganhou o prémio da televisão chinesa, com isso, beneficiou-se, naturalmente, com uma multidão de adeptos que também eram fãs da telenovela.

Com este trabalho, para além de abordarmos a difusão da tradução da obra *A Escrava Isaura* no continente chinês, pretendemos também abordar a introdução e adaptação da telenovela do mesmo título na China; concretamente, iremos realizar a nossa análise a partir dos seguintes aspetos:

1. A tradução da obra *A Escrava Isaura* na China (os elementos paratextuais: a capa e o prefácio);
2. Os artigos publicados em chinês sob a influência da telenovela *A Escrava Isaura*;
3. A adaptação da telenovela *A Escrava Isaura* para as bandas desenhadas na China.

⁵ <<http://yule.sohu.com/20090928/n267055278.shtml>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

Com base nestas análises, poder-se-á ter uma noção sobre a introdução e recepção da dita obra e da telenovela do mesmo título no continente chinês.

Tradução da obra *A Escrava Isaura* na China

Conforme referido na introdução, a obra *A Escrava Isaura* foi traduzida e introduzida, pela primeira vez, por Weng Yilan e Li Shulian, em 1984; e, depois, por Fan Weixin, em 1985.

Apesar da falta de indicações diretas a descortinar qual o motivo que os levou a escolher traduzir esta obra; a nosso ver, é muito provável que tenha sido o sucesso da telenovela a conduzir o processo, afetando quer a iniciativa da editora quer a vontade dos próprios tradutores. De fato, no prefácio de ambas as traduções, está indicado que a obra, depois de adaptada para telenovela, tinha gozado de popularidade entre o público.

Pelo limite de espaço, iremos abordar a tradução do romance *A Escrava Isaura* só sob a perspectiva do paratexto. Quanto ao paratexto, Gérard Genette (1997, p. 1) indica que “...text is rarely presented in an unadorned state, unreinforced and unaccompanied by a certain number of verbal or other productions, such as an author’s name, a title, a preface, illustrations”. Na realidade, os elementos referidos acima (nome do autor, título, prefácio, ilustração, entre outros) que adornam (reforçam e acompanham) o texto, podem ser considerados como partes integrantes do paratexto (elementos paratextuais). Para o nosso caso, concretamente, analisaremos a capa e o prefácio das duas traduções da obra.

Se lançarmos um olhar às imagens de Isaura nas capas das duas traduções chinesas, observa-se que a imagem de Isaura na tradução de 1984 é mais parecida com a personagem da telenovela (uma senhora branca com uma cruz no peito); no entanto, a imagem de Isaura na

tradução de 1985 é bem diferente da que vemos na televisão: a Isaura nesta capa já não é uma senhora de pele branca, em vez disso, é de pele um pouco escura (evidenciando que se trata de uma mulher mestiça). Veja-se a capa das traduções chinesas desta obra brasileira:



Figura 1: A versão traduzida por Weng Yilan e Li Shulian, e publicada pela *Jiangsu People Publishing Ltd.* em 1984 (figura à esquerda); a versão traduzida por Fan Weixin e publicada por *ZheJiang Literature & Art Publishing House* em 1985 (figura à direita).

Na capa da tradução de Weng & Li (1984), nota-se que existem dois títulos: o título em português “a escrava Isaura” (no canto inferior esquerdo da capa) e o título em chinês “女奴” (literalmente: escrava). Esse também foi o título da telenovela. Os tradutores, possivelmente, queriam aproveitar sua influência, atraindo o público para a tradução do romance.

Na tradução de Fan (1985), o título original da obra foi conservado para “女奴伊佐拉” (literalmente: Escrava Isaura), sem estar muito ligada à dita telenovela. Na realidade, em 1985, a influência da mesma telenovela atingiu o seu auge. Como dissemos, a atriz Lucélia Santos até foi premiada pela televisão da China. Mesmo assim, o tradutor preferiu deixar o título da sua tradução fiel ao original.

Pelo que se nota, existem duas criações artísticas da imagem de Isaura: uma é tornar Isaura numa mulher branca como a personagem de Lucélia Santos (na capa da tradução chinesa em 1984), e a outra é transformá-la numa mulher mestiça como a da capa da tradução chinesa em 1985.

A nosso ver, a primeira capa seria mais fiel à versão televisiva da obra, e a segunda reflete, na sua essência, as considerações, mentalidade e ideologia dos ilustradores (ou editoras) daquela altura. Nesse caso, é de nosso interesse saber por que motivo é que o ilustrador (da capa da versão chinesa de 1985) retrata a imagem de Isaura como uma mulher mestiça.

Nos prefácios das versões chinesas, a obra de Bernardo Guimarães é retratada quase sempre como uma obra antiescravista (FAN, 1985; WENG; Li, 1984⁶). No prefácio da tradução de Fan (ou sinopse, pelas palavras do tradutor) (1985), além de se dar uma apresentação breve sobre o enredo, também são acrescentados comentários do próprio tradutor. De acordo com este, esta obra é um registro criminal das atrocidades dos donos de escravos e também, uma ode à inevitabilidade de o bem vencer o mal. O prefácio elaborado por Wang Rufeng para a tradução de Weng & Li de 1984 aborda muito mais do que o enredo, discursando ainda sobre o autor, o estilo literário do autor (a representação dos traços realistas na sua criação romântica), os temas frequentes abordados pelo autor (as explorações cruéis na época colonial do Brasil), a criação da imagem de Isaura (que, para obter a liberdade, prefere casar-se com o jardineiro feio e tonto em vez de aceitar as ofertas do facinora Leôncio) e comentários sobre a obra. Para ele, a liberdade de Isaura foi conseguida com a ajuda do seu namorado Álvaro, sem de forma alguma pôr em perigo a escravatura; uma oportunidade assim de conseguir a liberdade era rara naquela altura, por isso, o caso de Isaura não é nada típico; acrescenta Wang Rufeng (1984) que a história já prova que um sistema social que

⁶ O prefácio foi elaborado por Wang Rufeng.

impede o progresso social há de ser substituído por um outro por meio da revolução. Os comentários dele podem ser tomados como considerações baseadas nos pensamentos do Marxismo, o que é muito frequente na crítica literária daquela altura no círculo literário chinês.

Partindo deste raciocínio, já não é difícil compreender a razão pela qual a imagem de Isaura da capa da tradução de 1985 foi retratada como uma mestiça; a nosso ver, prática essa serve para salientar a “legitimidade” da luta de Isaura contra a exploração do escravagismo e a sua busca por liberdade e amor: ela é mestiça e escrava, sofrendo muito, por isso, ela tem de lutar pelos seus próprios direitos e antes de mais, a sua liberdade. Resumindo as nossas considerações, esta prática ajuda a despertar a simpatia dos leitores chineses para com a Isaura e o ódio deles para com o sistema cruel do escravagismo.

Aliás, o ano em que a telenovela foi transmitida no continente chinês e a primeira versão chinesa foi introduzida, tal como referimos acima, é em 1984; ano em que perfazia cem anos que Bernardo Guimarães falecera. Completava-se também 10 anos de relações diplomáticas entre a China e o Brasil. Apesar de não encontrarmos provas diretas disto; a nosso ver, este conjunto de fatores tem muito a ver com a introdução tanto da telenovela como da tradução da obra original.

A apresentação da obra *A Escrava Isaura* nos artigos publicados no continente chinês

Sob a grande influência da telenovela *A Escrava Isaura*, surgiram uma série de artigos no continente chinês, abrangendo o aspeto literário, o jornalístico e o cinematográfico. Nesta parte, iremos dedicar algum espaço à sua abordagem.

Literariamente, o trabalho de Ai (1985) é bem interessante. A autora procura ligar a criação artística à ciência de informação; de acordo com ela, uma obra literária ou artística é, de fato, uma rede ou base de informações, que, muitas vezes, são multifacetadas, multiformes, de muitos canais e de características diferentes. A nosso ver, as suas considerações constituem uma reformulação das análises e críticas literárias baseadas nas condições e contextos sociais, perspectivas incluídas nas considerações literárias do Marxismo. Ela cita o exemplo de *A Escrava Isaura*, apontando que esta obra consegue oferecer uma gama variada de informação vívida na sociedade de então, servindo como um prelúdio do que se viria a passar (a obra foi lançada no ano de 1875 e quinze anos depois aboliu-se completamente o escravagismo no Brasil). Reinterpretando a ideia da autora, nunca se deve subestimar a influência que uma obra (literária ou artística) pode exercer, as informações transmitidas, muitas vezes, subconscientemente, talvez possam ser um fator que causa uma cadeia de acontecimentos. Embora não possamos afirmar que existe uma relação direta entre a obra *A Escrava Isaura* e a abolição da escravatura no Brasil, nunca podemos negar os valores progressistas desta obra no sentido de despertar a ideia das pessoas para a crueldade da escravatura face ao valor supremo da liberdade humana.

No artigo de Jin (1985), o autor aborda a razão pela qual Leôncio não conquistou o coração de Isaura. Embora fique na secção de sociologia literária, a nosso ver, o artigo é mais da área da sociologia do que da literatura: o autor adotou este tema para desenvolver as suas considerações quanto à base psicológico-social do amor, usando cenas da dita história para comprovar as suas deliberações.

No que diz respeito ao aspeto cinematográfico, temos artigos de cariz bem diversificado: a história da telenovela (resumo do enredo de episódios da telenovela) (WANG; ZHANG, 1984a, 1984b); a abordagem do desempenho do papel de Isaura por Lucélia Santos (WANG, 1985).

Pelo limite do espaço, iremos abordar apenas o artigo de Wang (1985), que consiste na interpretação da ação de Isaura (desempenhada por Lucélia Santos) de lançar um copo contra o chão. Isaura é uma escrava bem educada, de bom humor, disciplinada, dócil e elegante, que deve saber muito bem controlar-se, mas no final do 10º episódio, ela lança, com força, um copo contra o chão; isso, na opinião de Wang (1985), constitui uma ação desesperada de Isaura quando toma conhecimento que as duas pessoas mais importantes tinham sido mortas pelo fogo (o namorado dela e a senhora que sempre a tratou bem), por isso, esta ação de quebrar o copo pode ser considerada como uma ação natural que acontece, uma vez que Isaura perdeu, neste momento, toda a esperança e, não conseguindo controlar-se e conter-se, precisava necessariamente de um escape para descarregar a sua dor e raiva. Sintetizando a ideia do autor, trata-se de uma ação que parece contrária ao caráter de Isaura, mas expressa por si um encanto artístico forte.

No aspeto jornalístico, temos o artigo de Duan (1984), que aborda a sua entrevista com Lucélia Santos. Nesta entrevista (DUAN, 1984, p. 39), Lucélia fala sobre o método usado na interpretação do papel que é, quando desempenha a personagem de Isaura, fingir ser a Isaura daquela altura, lutando pela liberdade e direitos justos; acrescenta também que hoje em dia, há ainda muitas Isauras e ela deve assumir a responsabilidade de expressar as esperanças e aspirações destas. A nosso ver, ela é a pessoa indicada para o papel, já que ela consegue identificar-se com Isaura: conforme Lucélia (DUAN, 1984, p. 39), apesar da sua ascendência portuguesa, passou também a infância em miséria, sofreu opressões e dores quando pequena, mas isso nunca apagou a sua aspiração de liberdade: ela compartilha com Isaura a opressão sofrida.

Adaptação da telenovela *A Escrava Isaura* às bandas desenhadas

Sobre a banda desenhada

Antes da análise, queríamos abordar o género criativo “banda desenhada” e, concretamente, a “banda desenhada da China”, dada a sua ligação com o nosso trabalho. A banda desenhada da China possui uma história longa, podendo remontar à época de Reinos Combatentes (475 a.C. - 221 a.C.) (DONG, 1987, p. 4), baseando-se na narrativa de imagens, derivando do desenvolvimento do género narrativo chinês antigo e resultando da concorrência entre a imagem e o texto na história desta arte (SHEN, 2011, p. 13).

Conforme Shen (2011, p. 15 - 45), o desenvolvimento da banda desenhada chinesa divide-se, basicamente, em cinco períodos, que são: a). o período em que a imagem substitui o texto (na antiguidade da China); b). o período em que a imagem se insere no texto (na dinastia Ming (d.C. 1368 - 1644) e Qing (1644 - 1912) da China); c). o período em que a imagem imita o texto (na República da China (1912 - 1949)); d). o período em que a imagem e o texto se imitam reciprocamente (desde a fundação da República Popular da China (1949) até os meados dos 80 do século XX); e). o período em que se dá mais ênfase à imagem do que ao texto (desde os meados dos anos 80 até o presente)

Pela divisão de Shen (2011), pode ter-se uma noção básica sobre o desenvolvimento da banda desenhada chinesa ao longo da história; além disso, também se observa a evolução da relação entre a imagem e o texto na banda desenhada chinesa como um género artístico-literário: a imagem tem evoluído ao ponto de substituir o texto como um fator predominante na banda desenhada.

Apesar do mérito da classificação de Shen (2011) quanto ao desenvolvimento da banda desenhada chinesa, parece que ele ignora as bandas desenhadas baseadas em telenovela

(filme): um tipo de banda desenhada em que se usam imagens extraídas diretamente das telenovelas (filmes) para depois se apresentarem acompanhadas de explicações, facilitando a compreensão dos leitores.

As bandas desenhadas baseadas na telenovela *A Escrava Isaura* (que iremos abordar nesta secção) enquadram-se precisamente nesta categoria; pelas divisões de Shen (2011), nota-se que este tipo de banda desenhada não está incluído na sua classificação: uma vez que nele é o texto que imita as imagens escolhidas; e muitas vezes, o texto oferece mais informação do que a transmitida pela imagem. A nosso ver, a divisão de Shen (2011) aplica-se à criação de imagens. Ou seja, os ilustradores pintam imagens de acordo com textos já existentes; ao passo que, nas bandas desenhadas baseadas na telenovela (filme), os adaptadores escrevem textos (explicações) de acordo com as imagens extraídas da telenovela (filme).

Para o nosso caso, os adaptadores escolhem imagens extraídas da telenovela *A Escrava Isaura* para depois equipá-las com explicações em chinês. A nosso ver, eles não recorrem à tradução da obra de Bernardo Guimarães, uma vez que a telenovela *A Escrava Isaura*, ao ser introduzida para o público chinês, o seu título foi mudado para “女奴” (literalmente: escrava) e as bandas desenhadas também adotam este título, dado o seu vínculo com a telenovela.

A análise das bandas desenhadas *Escrava*

Conforme a pesquisa, houve, no total, quatro editoras chinesas a publicar bandas desenhadas baseadas nesta telenovela, que são, nomeadamente:

Gláuks: Revista de Letras e Artes – jul/dez 2020 – v. 20, n. 2

- a Hubei Juvenile and Children's Publishing House (cujo nome atual é Changjiang Children's Press Co., Ltd.) (1985) (5 volumes)
- b Zhao Hua Art Publishing House (1985) (10 volumes)
- c Writers Publishing House (1985) (5 volumes)
- d Liaoning Fine Arts Publishing House (1985) (5 volumes)

Pela data de publicação, nota-se que estas editoras chinesas escolheram publicar unanimemente as bandas desenhadas em 1985, um ano depois da introdução da telenovela no continente chinês, que foi em 1984; o que, a nosso ver, é para aproveitar bem a influência da telenovela sobre o público chinês. Nas capas destas quatro versões, destaca-se o título “女奴” (literalmente: escrava), salientando assim o seu vínculo com a telenovela. Aliás, nas suas capas, três versões usam a imagem pintada baseada na telenovela e uma usa a imagem cortada da telenovela (vejam as seguintes capas).

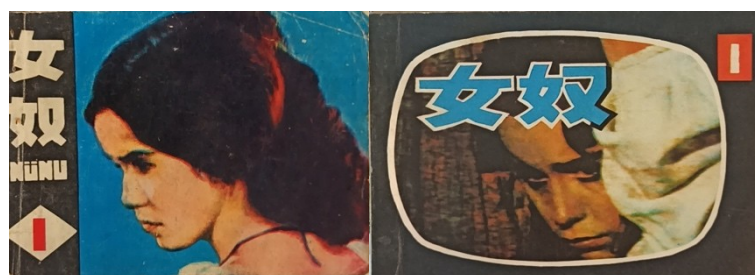




Figura 2. As capas do primeiro volume das quatro versões de banda desenhada baseada na telenovela *A Escrava Isaura* (publicada, respetivamente, por Hubei Juvenile and Children's Publishing House (1985); Zhao Hua Art Publishing House (1985); Writers Publishing House (1985); Liaoning Fine Arts Publishing House (1985) (a ordem é da esquerda para a direita).

Nota-se que, nestas capas, se destaca o título “女奴” (literalmente: escrava); e na última capa, além do título, há também descrições da fonte desta banda desenhada: “巴西电视连续剧” (literalmente: telenovela brasileira).

No prefácio destas quatro versões, além da síntese do enredo de cada volume, consta também que estas bandas desenhadas são adaptações da telenovela. Além disso, nenhuma destas quatro versões indica que esta telenovela constitui uma adaptação da obra *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães; o que se observa são apenas nomes dos adaptadores e/ou pessoas que selecionaram as imagens da telenovela. Na realidade, como referimos no capítulo 2, existia já naquela altura traduções chinesas da *A Escrava Isaura*: a tradução por Weng & Li (1984) e outra por Fan (1985). Isso, a nosso ver, não deixa de ser uma oportunidade perdida, já que a telenovela e as bandas desenhadas teriam podido ser um fator importante de incentivo à leitura da tradução da obra original, e como é sabido, o enredo da telenovela é diferente do da obra original (como, por exemplo, a adição, na telenovela, do papel de Tobias, o primeiro namorado de Isaura).

As bandas desenhadas baseadas em telenovela são, geralmente, compostas por:

- a imagens extraídas diretamente da telenovela
- b explicações adicionadas pelos adaptadores, para facilitar a compreensão dos leitores

Quanto à banda desenhada baseada em telenovela (filme), Shen (2011, p. 161) indica: estas bandas desenhadas, diferentes das bandas desenhadas com imagens desenhadas/pintadas, devem focar a visualidade das imagens e as atividades que podem melhor refletir a personalidade das personagens. Ou seja, ao selecionar imagens da telenovela (filme), devem ter sempre uma ênfase em conformidade com o desenvolvimento do enredo.

No intuito de deixar os leitores com uma noção sobre as bandas desenhadas chinesas, citamos as seguintes páginas do primeiro volume da banda desenhada *Escrava*, publicada pela Hubei Juvenile and Children's Publishing House em 1985:



Figura 3. A página 1 do volume 1 (como se nota, cada página é composta por dois elementos: a imagem extraída da telenovela e as explicações adicionadas por adaptadores.)

Nesta página lê-se: “Nos meados do século XVII (aqui, deve ser no século XIX), a capital brasileira, Rio de Janeiro, estava já relativamente desenvolvida; a casa luxuosa do Governador Almeida ficava nesta cidade” (a nossa tradução).

Apesar da qualidade inferior da imagem, consegue-se observar que há uma casa e umas pessoas. Aliás, com o auxílio das explicações em chinês, os leitores conseguem formar uma

noção sobre o *background* da história a ser desenvolvida: no século XVII; na capital então do Brasil: Rio de Janeiro; o Governador chama-se Almeida, que tem uma casa luxuosa.

Depois das descrições temporais e espaciais, apresentam-se as principais personagens (no início da telenovela): o Governador Almeida, a Senhora Ester e a escrava Isaura.

Na realidade, esta parte de apresentação não existe na telenovela, é algo adicionado pelos adaptadores, servindo para tornar o desenvolvimento da história mais suave e permitir aos leitores ter uma noção do contexto das personagens. Esta estratégia, no parecer de Shen (2011, p. 162), mantém não só a fisionomia original do filme, mas também se ajusta às características da banda desenhada, não deixando haver muitos saltos na narração do enredo. Vejamos as seguintes figuras de apresentação:

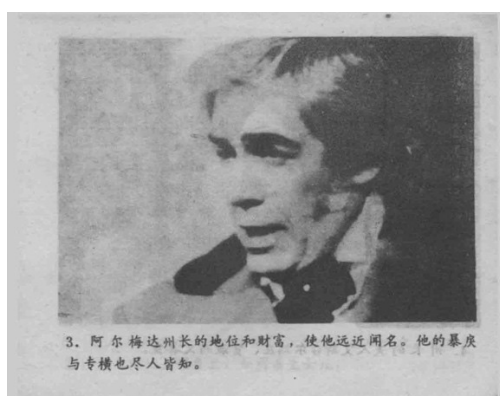


Figura 4. A página 3 do volume 1

Nesta página, diz-se: “A riqueza e a posição social do Governador Almeida deixam-no famoso, a sua crueldade e implacabilidade também o tornam famoso” (a nossa tradução).



Figura 5. A página 4 do volume 1

Nesta página, indica-se: “A esposa do governador, a senhora Ester, é decente, elegante e bondosa” (a nossa tradução).



Figura 6. A página 5 do volume 1

Nesta imagem, lê-se: “A senhora Ester tem uma escrava, cujo nome é Isaura, que é muito bonita; aliás, ela também é versada em muitas artes. A senhora Ester trata-a muito bem, como se Isaura fosse a filha dela” (a nossa tradução).

Com a personalidade das personagens na mente, os leitores podem considerar isso uma pista na sua interpretação do desenvolvimento da história.

Pelo que se vê, estas três figuras contêm imagens extraídas da telenovela, que estão acompanhadas de explicações pelos adaptadores.

A nosso ver, no processo de adaptação, os adaptadores têm mais liberdade, especialmente para as partes inexistentes na telenovela, tal como a apresentação das personagens; por exemplo, os adaptadores podem usar qualquer imagem de Isaura no começo da telenovela e provê-la de explicações para dar uma apresentação de Isaura nas bandas desenhadas.

Aliás, com as explicações, os adaptadores podem desviar a atenção dos leitores para uma certa interpretação: sem as explicações, seria provável que os leitores tivessem interpretações diversificadas para a mesma imagem. Por exemplo, na figura 7 (figura seguinte), nota-se que Isaura está a falar com a senhora Ester, pegando num livro.



Figura 7. A página 6 do volume 1

A explicação indica o seguinte: “A senhora Ester ensina Isaura a ler e a aprender línguas estrangeiras; aliás, Isaura toca muito bem o piano” (a nossa tradução).

De fato, esta imagem, na telenovela, retrata uma conversa entre a senhora Ester e Isaura: Isaura estava a ler um livro de receitas da comida francesa e a senhora Ester veio informá-la de que iria haver uma visita de uns convidados do Governador Almeida; ela queria que Isaura preparasse algum prato típico francês.

Embora, à vista inocente, a imagem tenha a ver com as explicações dadas pelos adaptadores; no entanto, é uma imagem contextualmente irrelevante às explicações, se

considerarmos a sua proveniência da telenovela; ou seja, os adaptadores escolheram uma imagem irrelevante, e com as explicações adicionadas, desviam a atenção dos leitores para uma certa interpretação.

Pela nossa análise acima, conclui-se que os adaptadores realizam isso quando querem adicionar informações contextuais:

Para a apresentação nas figuras 4, 5 e 6, como é parte inexistente na telenovela, pode ser considerada como informação contextual, uma vez que se toma conhecimento disso somente mediante o desempenho dos atores na telenovela no desenrolar da trama.

No caso da figura 7, as explicações de “A senhora Ester ensina Isaura a ler e a aprender línguas estrangeiras...”, na realidade, são informações contextuais na telenovela: não existem cenas a mostrar isso explicitamente na telenovela; a razão pela qual tomamos conhecimento disso é porque os atores falam disso na telenovela.

Conforme explicado na introdução, a telenovela original *A Escrava Isaura* (1976) possui 170 episódios, que, depois, foi encurtada para duas versões: uma de 100 episódios e a outra, 30 episódios; e a telenovela (15 episódios) transmitida na China é uma parte destes 30 episódios (WENG; LI, 1984, p. 1). E esta telenovela foi, depois, adaptada para quatro versões de banda desenhada (que têm extensões diferentes: há três versões com 5 volumes e uma com 10 volumes).

Pela pesquisa, em relação a certas cenas da telenovela, umas versões oferecem descrições mais detalhadas; umas, descrições breves; e umas, até, apagam estas cenas.

Tendo em consideração o limite do espaço, iremos apenas abordar as páginas do primeiro volume de cada versão que representam a mesma cena na telenovela, no intuito de ilustrar a nossa pesquisa.

Na telenovela, existe uma cena a descrever a conversa entre Malvina e o Conselheiro Fontoura (o pai de Malvina) quanto ao tema da venda e compra de escravos.

Quando o Conselheiro diz que o leilão de escravos é como a venda de outro bem qualquer, Malvina fica triste, dizendo não compreender por que os escravos ficam expostos para ser vendidos como mercadorias; o pai dela diz que os escravos são necessários para a agricultura como ferramentas e para a organização da casa como utensílios. Ela tenta protestar, retorquindo as palavras do pai.

Trata-se de uma das cenas da telenovela que mais faz refletir, visto que o tema recorrente da obra de Bernardo Guimarães constitui a luta contra a escravatura; as personagens na sua obra procuram ou ajudam a procurar, apesar dos sofrimentos, dificuldades e obstáculos enfrentados, a liberdade e a dignidade do ser humano. A conversa, com apenas um pouco mais de um minuto na telenovela (CAPÍTULO 1, 1976), consegue refletir também as considerações do autor quanto à escravidão. Aliás, as reflexões de Malvina quanto à escravatura servem aqui também como um prelúdio do desenvolvimento futuro da história: ela esforça-se por ajudar Isaura a obter a liberdade; para isso, ela até perde a própria vida.

Sendo uma cena de importância, estamos curiosos em saber como se representa nas quatro versões de banda desenhada.

(1). Na versão pela Hubei Juvenile and Children's Publishing House (1985) a cena limita-se a 5 imagens (cinco páginas: 13 - 17); indica-se o seguinte nas explicações:

Fontoura quer que a filha vá com eles ao leilão dos escravos; estourou uma discussão entre a filha e o pai (p. 13);

A filha pergunta muito confusa ao pai se os escravos são vendidos como mercadorias e as pessoas ainda podem regatear; o pai responde que sim (p. 14);

A filha pergunta surpreendida se os escravos estão expostos para a escolha; o pai responde que os compradores ainda vão ver com atenção e que comprar um escravo é como comprar uma ferramenta agrícola (p. 15);

Malvina não percebe por que os escravos podem ser vendidos como as ferramentas, imóveis e objetos e por que as pessoas podem ser tratadas assim (p. 16);

Malvina não quer ir ao leilão; ela é como muitas pessoas daquela altura, odiando profundamente a escravatura (p. 17). (a nossa tradução)

(2). Na versão pela Zhao Hua Art Publishing House (1985): esta cena resume-se a 2 imagens (duas páginas: 11 - 12); diz-se o seguinte nas explicações:

Depois da saída do Governador, Malvina pergunta ao pai o que é leilão de escravos; o pai disse-lhe que o leilão de escravos é o lugar onde se vendem os escravos como mercadorias (p. 11);

Malvina diz que ela não compreende como se pode tratar as pessoas assim; o pai dela diz-lhe que esqueça, movendo a cabeça e pensando que não é necessário explicar o motivo deste tratamento... (p. 12). (a nossa tradução)

(3). Na versão pela Writers Publishing House (1985): a cena não foi conservada nesta versão de banda desenhada.

(4). Na versão pela Liaoning Fine Arts Publishing House (1985): esta cena foi apagada nesta versão de banda desenhada.

Pelo que se observa, nem todas as quatro versões conservam esta cena na recriação da telenovela; mesmo nas duas versões em que esta cena é conservada, as extensões são diferentes: uma versão conta com 5 páginas e a outra, 2 páginas.

Por exemplo, na editora de (1), vemos cinco páginas dedicadas a esta cena, que, basicamente, podem ser consideradas como uma reescrita fiel do diálogo entre Malvina e o Pai; através das quais os leitores conseguem perceber as duas mentalidades correntes naquela altura na sociedade brasileira. Embora aqui já tenha sido mantido quase todo o diálogo entre Malvina e o Pai, falta um detalhe que, a nosso ver, é importante: no final do diálogo, o pai pergunta a Malvina se ela anda a ler jornais e ela diz que não. Na realidade, pelo nosso

entendimento, esta pergunta na telenovela talvez procure transmitir o fato de nos jornais brasileiros daquela época terem começado já a surgir debates sobre o tema da abolição de escravatura.

Na editora de (2), esta cena mantém-se em duas páginas, transmitindo, basicamente, as informações desta cena; no entanto, não se revelam muitos detalhes, daí que não se possa conseguir uma reação tão forte dos leitores como a que têm os espetadores ao ver a telenovela.

A nosso ver, a prática de apagar ou manter estas cenas reflete também as atitudes dos adaptadores e se eles são sensíveis a certas temáticas.

Nos anos 80, há poucos chineses que saibam o português (só duas universidades a oferecer licenciatura de português; e por cada cinco anos é que se admite uma edição de alunos; e os graduados geralmente vão trabalhar para ministérios e departamentos estatais conforme as necessidades do governo), por isso, a nosso ver, é pouco provável que os adaptadores das editoras saibam português, e a sua adaptação tem como base principal a telenovela. Se isso foi o caso, a maioria deles podem não ter sabido muito sobre o Brasil, para não falar da escravatura no Brasil e na literatura brasileira (nas bandas desenhadas o nome do autor Bernardo Guimarães nem é mencionado). Por isso, eles podem não ter consciência da importância de certas cenas nesta telenovela.

Por outro lado, de acordo com Li (2012, p. 21), desde os meados dos anos 80, devido à prevalência de telenovelas, filmes e programas radiofónicos e ao forte impacto dos desenhos animados estrangeiros, houve editoras chinesas, para procurar lucros a curto prazo, que reutilizaram temas já abordados por outras editoras desrespeitando a qualidade das obras; o que, por sua vez, fez com que as bandas desenhadas perdessem as suas vantagens. Isso, talvez, possa explicar o porquê da existência de quatro versões de banda desenhada da telenovela *A Escrava Isaura*. Para aproveitar o mais cedo possível a influência desta

telenovela no público chinês, as quatro editoras competiram na publicação: a telenovela começou a ser transmitida no continente chinês em 1984 e todas as quatro versões de banda desenhada foram publicadas em 1985, daí que fosse possível a qualidade não ser tão garantida e uma das possíveis manifestações fosse a ignorância de certas cenas importantes.

Aliás, no nosso parecer, a conservação de certas cenas talvez também tenha muito a ver com a extensão de cada versão; conforme referido no início deste capítulo, há três versões com 5 volumes e uma com 10 volumes. Isso quer dizer, se há mais volumes, talvez certas cenas possam ser incluídas. Tomando como exemplo a versão pela Hubei Juvenile and Children's Publishing House (1985), no prefácio, está indicado que esta banda desenhada (5 volumes) está baseada na telenovela *A Escrava Isaura* (15 episódios), cujo enredo está distribuído em 5 volumes. Como cada volume tem de abranger o enredo de 3 episódio, é inevitável que a informação de certas cenas seja apagada ou condensada.

Notas conclusivas

Quanto à introdução e recepção de *A Escrava Isaura* na China, podemos ter duas interpretações: a sobre a capa e o prefácio das duas traduções da obra e a sobre as bandas baseadas na telenovela.

Para o primeiro caso, neste trabalho, abordamos as duas traduções da dita obra de Bernardo Guimarães: a tradução de Weng & Li (1984) e a de Fan (1985). As nossas análises quanto a estas duas traduções são realizadas sob a perspectiva de paratexto, que, concretamente, abrange a análise dos títulos, capas e prefácios destas duas versões chinesas. Pela nossa análise, nota-se que na tradução de 1984 existe uma tendência mais forte de

aproveitar a influência da telenovela (título, capa e prefácio); ao passo que, na tradução de 1985 salienta-se mais, com base na nossa pesquisa dos elementos paratextuais, a influência das ideologias, mentalidades e ideias daquela altura.

Quanto ao segundo caso, abordamos, neste trabalho, as bandas desenhadas com base nesta telenovela. Para a adaptação da telenovela às bandas desenhadas, observa-se que, quanto a certas cenas da telenovela, umas versões oferecem descrições mais detalhadas; umas, descrições breves; e umas, até, apagam estas cenas.

Podemos, assim, concluir que estes artefatos diferentes, mesmo que sejam fruto de uma mesma criação, submetem-se a regras e condicionalismos do seu meio, do momento de surgimento e da percepção que os seus promotores têm do público-alvo. A obra *A Escrava Isaura* foi fonte inspiradora para vários artefatos e, apesar das interpretações diversas que cada interveniente (tradutor, distribuidor de material audiovisual, adaptadores de telenovela em papel...) imprime a cada objeto, a sua mensagem de base contra a escravatura perdura.

Referências Bibliográficas

BERNARDO, G. *A Escrava Isaura*. Tradução Weng Yilan & Li Shulian. Nanjing: Jiangsu People's Publishing House, 1984.

BERNARDO, G. *A Escrava Isaura*. Tradução Fan Weixin. Hangzhou: Zhejiang Literature and Art Publishing House, 1985.

WANG, H; ZHANG, L. (1984). “História da Telenovela “A Escrava Isaura””. *Shaanxi Opera*, 1984: 35-37.

WANG, H; ZHANG, L. (1984). “História da Telenovela “A Escrava Isaura””. *Shaanxi Opera*, p. 41-44, 1984.

Gérard, G. *Paratexts: Thresholds of interpretation* (Vol. 20). Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

AI, F. “Sobre as Características de Informação da Literatura e da Arte”. *Journal of Information*, p. 4-9, 1985.

JIN, D. “Porque o Leôncio não Conquistou o Coração de Isaura”. *Chinese Journal of Sociology*, p. 34-35, 1985.

WANG, F. “O Atirar do Copo – Sobre o Desempenho do Papel de Isaura”. *Film Review*, p. 32, 1985.

DUAN, Z. “Entrevista com a Escrava Isaura”. *Outlook*, p. 38-39, 1984.

DONG, Q. *Introduction to the Literature of Picture Story Book*. Beijing: People's Fine Arts Publishing House, p. 4, 1987.

SHEN, Q. *The Narrative Study of Chinese Picture Story Book*. 2011. p. 13, p. 15-45, p. 161, 2011. Doctor's thesis - Shanghai University – Shanghai.

CHEN, Y. *Escrava*. Wuhan: Hubei Juvenile and Children's Publishing House (or Changjiang Children's Press Co., Ltd.), volumes (1-5), p. 1, p. 3-6, p. 13-17, 1985.

ZHANG, X. *Escrava*. Beijing: Zhao Hua Art Publishing House, volume (1-10), p. 11-12, 1985.

XIN, Q; HONG; L. *Escrava*. Beijing: Writers Publishing House, volume (1-5), 1985.

SUN, S. *Escrava*. Shenyang: Liaoning Fine Arts Publishing House, volume (1-5), 1985.

The Introduction and Reception of “A Escrava Isaura” in China

Abstract: The introduction and reception of the Brazilian work *A Escrava Isaura* (Isaura the Slave) by Bernardo Guimarães, in China, dates back to 1984 with the translation by Wang & Li. In the same year, the Brazilian TV series adapted from this work was also introduced to the public of China, and quickly achieved such astounding success that the protagonist Lucélia Santos won, in 1985, the award for Best Actress of the Chinese Golden Eagle Television Award. Due to the great success of this TV series, in 1985, several Chinese publishing houses chose to publish series of comic strips based on this TV series. In this work, we will address the introduction and reception of both the work *A Escrava Isaura* and the TV series of the same name; concretely, we will analyse the cover and the preface of the two translations of this work (paratextual elements), the articles published in Chinese following the influence of the Brazilian TV series, and the comic strips based on the same TV series.

Keywords: A Escrava Isaura; Translation; Adaptation; Brazilian literature; China